

O Método Alegórico e seu Impacto na Interpretação da Bíblia

The Allegorical Method and its Impact on the Interpretation of the Bible

*Carlos Flavio Teixeira*¹

RESUMO

Este artigo trata do “método alegórico” e seu impacto na interpretação da Bíblia. Partindo das definições desse método, segue elencando suas possíveis origens e principais características hermenêuticas. Mostra que, desde seu surgimento na Grécia Clássica, passando por sua adoção por Fílon, ganhando força com Clemente, tendo sido sistematizado por Orígenes, e popularizado pela Escola de Alexandria, o método alegórico tem sido usado de maneira recorrente por teólogos cristãos até os dias atuais. Destaca que, embora sua trajetória histórico-teológica tenha muitas vezes e de muitas formas sido caracterizada por sua mescla com outros métodos, ainda está presente em certa medida na hermenêutica cristã, se bem que hoje de forma caracterizadamente distinta daquela praticada em seus primórdios. Conclui-se destacando as emblemáticas implicações de seu emprego na interpretação da Bíblia.

¹ Pós-Doutorado em Teologia Bíblico-Sistemática na Andrews University (EUA), Pós-Doutor em Teologia Bíblico-Sistemática pela Escola Superior de Teologia (EST). Doutor em Ciências da Religião, na especialidade de Teologia Sistemática pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Mestre em Teologia Pastoral (UNASP) e Direito Constitucional (UNIMEP). Especialista em Docência Para o Ensino Superior (UNISUL). Graduado em Teologia (UNASP) e Direito (UNITRI). Membro da SBL (Society of Biblical Literature), ATS (Adventist Theological Society), ABIB (Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica) e SOTER (Sociedade de Teologia e Ciências da Religião). Docente e pesquisador no SALT – Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia. Avaliador do MEC/INEP para cursos de graduação.

PALAVRAS-CHAVE

Bíblia; Interpretação; Método Alegórico; Desafios e Perspectivas.

ABSTRACT

This article deals with the “allegorical method” and its impact on the interpretation of the Bible. Starting from the definitions of this method, it goes on listing its possible origins and main hermeneutical characteristics. It shows that, since its emergence in Classical Greece, through its adoption by Philo, gaining strength with Clement, having been systematized by Origen, and popularized by the School of Alexandria, the allegorical method has been used recurrently by Christian theologians until the day current. It emphasizes that, although its historical-theological trajectory has often and in many ways been characterized by its blending with other methods, it is still present to some extent in Christian hermeneutics, although today in a way that is characteristically different from that practiced in its early days. It concludes by highlighting the emblematic implications of its use in interpreting the Bible.

KEYWORDS

Bible; Interpretation; Allegorical Method; Challenges and Perspectives.

É sabido que muito já se falou a respeito dos métodos de interpretação da Bíblia. Possivelmente haja em andamento incontáveis pesquisas sobre o assunto. Contudo, o próprio fato de não haver consenso quanto às muitas questões relacionadas a tais métodos, mesmo no meio cristão, evidencia que ainda há espaço para se continuar os estudos com vistas a ampliar o diálogo acerca do tema. Outro bom motivo para se revisitar a questão dos métodos é seu impacto na teologia e, conseqüentemente, na vida cristã. O método de interpretação, qualquer que seja ele, impacta diretamente a compreensão da fé e isso tem efeitos diretos nas práticas cotidianas do indivíduo religioso. Mesmo que inconscientemente, cada cristão entende e vivencia suas crenças influenciado pelo(s) método(s) adotado(s) em sua interpretação.

Devido a essa relevância do assunto, mesmo que não tenha a pretensão de ser exaustivo quanto ao tema, este breve estudo abordará o

método alegórico e seu impacto na interpretação da Bíblia. Começará lembrando quais são os três métodos hermenêuticos atualmente reconhecidos como os mais influentes na tarefa de interpretação das Escrituras. Em seguida focará sua atenção no método alegórico, abordando suas definições e características mais elementares. Passará, então, a uma breve contextualização de sua trajetória, apontando sua permanência histórica e seus contornos teológicos mais evidentes. Por fim, destacará as emblemáticas implicações de seu emprego na interpretação da Bíblia.

1. Os principais métodos de interpretação da Bíblia

Já foi observado apropriadamente que “uma das maiores discussões, no que diz respeito à leitura da Bíblia, é sobre os critérios que guiam esta leitura.”² Esses critérios se agrupam num conjunto de diretrizes que chamamos de método. E quando se fala em “métodos hermenêuticos” uma variedade de ideias pode vir à mente do leitor. As palavras e expressões assumem significados variados no seu uso cotidiano, e isso não é diferente quanto aos termos e expressões usados no âmbito teológico. Nestes casos, uma forma de entendê-los é começar por seu sentido etimológico.

A palavra “método” é a tradução do termo grego *methodos*, que resulta da junção dos termos *meta* (com, por meio de) e *hodós* (caminho), significando assim “com caminho” ou “por meio do caminho”. A palavra “hermenêutica”, por sua vez, é a tradução do termo grego *hermenutikos*, que resulta da junção dos termos *hermeneuo* (eu interpreto, proclamo) e *tekhné* (arte) mais o termo *tikos* (relacionado a), significando assim “a arte de interpretar, explicar, ou traduzir”³ algo que pode ser uma mensagem oral ou escrita, com vistas a sua proclamação.

Numa perspectiva mais ampla, hermenêutica significa ao mesmo tempo o que fazer (interpretar) e como fazer (forma de interpretação). Em razão desse duplo sentido foi dito que “os mais antigos livros de

² MUELLER, Enio R. *Caminhos de reconciliação: a mensagem da Bíblia*. 1ª edição. Joinville-SC: Grafar, 2010, p.158.

³ FLOR, Paulo F. *Para melhor entender e interpretar o texto bíblico: fundamentos de uma hermenêutica*. Canoas-RS: ULBRA, 2012, p. 24.

hermenêutica tratavam não apenas do método pelo qual nós chegamos a uma compreensão apropriada de um objeto, mas também da forma apropriada pela qual esta compreensão era para ser comunicada a outros”.⁴ Nesse contexto, “segundo a tradição, a hermenêutica buscava estabelecer princípios, métodos e regras necessários na interpretação de textos escritos, especialmente de textos sagrados”⁵. E nesse espectro mais amplo de abrangência da hermenêutica está inserida a exegese. Enquanto a hermenêutica se ocupa em mapear e orientar o roteiro mais geral da interpretação, a exegese é o ponto inicial de partida desse roteiro⁶. Em sua dimensão mais ampla, a hermenêutica não pode ser reduzida simplesmente à prática da exegese, embora dela não possa abrir mão como importante componente interpretativo. A hermenêutica inclui a exegese e outras realidades necessárias à interpretação coerente do texto, como por exemplo, as formas de aproximação do seu conteúdo e as possibilidades de sua aplicação. Nesse contexto mais amplo, o método hermenêutico é entendido como o conjunto de pressuposições e procedimentos seguidos pelo intérprete na realização de seu empreendimento interpretativo⁷.

Dito de forma mais técnica, entende-se por “método hermenêutico” os caminhos percorridos pelo intérprete em sua tarefa de aproximação, leitura, e aplicação do texto. No tocante à Bíblia, quando a pessoa se aproxima dela, a fim de interpretá-la, quase sempre tem em mente algumas concepções prévias que norteiam sua aproximação ao texto. Além disso, ao se interagir com o conteúdo, sempre se valerá de determinados pressupostos de leitura e compreensão deste, ainda que de forma mais ou menos consciente. E o mesmo pode ser dito quanto à aplicação do texto. Após se aproximar dele guiado por concepções prévias, e se interagir

⁴ HOFMANN, J. C. K. Von. *Interpreting the bible*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1959, p. 2.

⁵ DOCKERY, David S. *Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva*. São Paulo: Editora Vida, 2005, p. 179.

⁶ GIBELLINI, Rosino. *A teologia do Século XX*. 3ª Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2012, p. 57-58.

⁷ TATE, W. Randolph. *Interpretation: an integrated approach*. Third Edition. Grand Rapids, MI, USA: Baker Publishing Group, 2008, p. 274, lembra que “cada método está por sua vez ancorado a um conjunto de destacadas pressuposições que determinam as questões a serem propostas ao texto; e as respostas são aquelas esperadas previamente.”

com ele com base em determinadas pressuposições de leitura, o leitor inevitavelmente o aplica à luz dos resultados de sua interpretação feita, deixando-se guiar ainda por alguns critérios de aplicação. São essas concepções prévias de aproximação ao texto, bem como as pressuposições de sua leitura e compreensão, e ainda os critérios de sua aplicação, que juntos constituem o que se pode chamar de método hermenêutico. Compreendido nesta perspectiva, o método hermenêutico é o conjunto de critérios que guiam o intérprete nas etapas de aproximação, leitura, compreensão, e aplicação do conteúdo do texto. É o roteiro adotado no intuito de possibilitar o entendimento experimental do conteúdo da Bíblia.

Os assim chamados “métodos hermenêuticos” normalmente são objetos de estudos da hermenêutica, termo que também pode ser compreendido como fazendo alusão ao campo de análise disciplinada dos procedimentos de interpretação de textos. Conforme já dito, “quando usamos hermenêutica no singular, o termo refere-se a uma teoria geral de interpretação aplicada a diversas literaturas – legal, bíblica, médica, filosófica, histórica. O uso no plural, hermenêuticas, refere-se, em nosso estudo, às abordagens especiais que têm como foco a interpretação de textos bíblicos.”⁸ Alguns autores consideram a hermenêutica uma arte, outros uma ciência, e outros ainda a consideram simultaneamente uma combinação de ambas.

Embora se concorde com essas classificações sugere-se que a hermenêutica seja considerada, sobretudo, uma disciplina teológica, um encargo, uma tarefa, uma missão determinada de se buscar o significado e a(s) significância(s)⁹ mais precisos possíveis do texto, a partir das reivindicações do próprio texto. Tais atividades nem sempre são realizadas no nível de criatividade e estética que é próprio das artes e/ou no nível de especialização em critérios empíricos que é próprio das ciências.

Desta forma, ainda que não restem atendidos os critérios que são próprios das artes e das ciências, a hermenêutica bíblica é norteadada pela observância aos parâmetros intra e intertextuais de interpretação existentes

⁸ DOCKERY, 2005, p. 20.

⁹ Por significado entende-se o sentido intencional do próprio texto, sua significação para o autor e os leitores originários, presentes ao tempo da produção do texto. E por significância entende-se as possíveis aplicações desse significado para os seus leitores posteriores em contextos distintos.

no seu próprio conteúdo. Assim entendida, tal hermenêutica é o âmbito geral de análise e tratativa das ações interpretativas do leitor bíblico, seja ele o indivíduo mais inculto ou o mais erudito, incluindo também os níveis variados de condicionamento intelectual e cultural que existe entre ambos os polos. A tarefa da hermenêutica bíblica é, sobretudo, possibilitar ao intérprete do texto sagrado, seja ele quem for, entender apropriadamente o conteúdo comunicado pelo próprio texto, de forma que tal compreensão ocorra de maneira apropriada “ao” texto.

Para que isso ocorra, a disciplina hermenêutica se vale dos valores, princípios e regras de interpretação. Normalmente se tenta combiná-los e expressá-los estruturalmente na forma de diretrizes interpretativas que passam a ser chamadas de métodos. O método funciona assim como um mapa, um roteiro, que traça o direcionamento a ser seguido com vistas à realização considerada adequada da tarefa interpretativa. Essa tentativa de estabelecer um caminho a ser trilhado não é, em si mesma, imprópria. Ela expressa a preocupação dos estudiosos da Bíblia em definir previamente, e de forma mais objetiva possível, quais são as diretrizes que se mostram mais adequadas para se manter a interpretação num direcionamento seguro que lhe garanta a esperada adequação hermenêutica.

Em decorrência dessa perspectiva, o método tem sido considerado como o principal norteador da tarefa hermenêutica, assumindo assim o papel de definidor dos critérios em que se dará a interpretação do texto, seja na fase de aproximação, leitura, compreensão, ou aplicação do intérprete quanto ao conteúdo interpretado. A intenção, ao se definir um método, geralmente é expressar com maior clareza quais os critérios objetivos que podem ou que devem conduzir o intérprete ao êxito na realização de sua tarefa. Também serve para filtrar elementos e práticas entendidas como estranhas à boa interpretação do texto.

Diante de tamanha importância que tem sido dada ao método era de se esperar que sua proposição fosse tão variada quanto o é a criatividade humana. E é exatamente o que tem ocorrido nos últimos séculos na teologia cristã. Diante da importância dada ao tema surgiram inúmeras propostas de roteiros para interpretação da Bíblia. Muitas delas sequer chegam a ganhar notoriedade no meio teológico em razão da fragilidade que mostram diante de critérios mais amplamente aceitos pelos estudiosos do assunto. Contudo, dentre todas as perspectivas

metodológicas existentes (e elas são muitas e incontáveis variando de acordo com o critério de abordagem)¹⁰, as mais conhecidas e mais usadas são conhecidas como: método alegórico, método crítico-histórico e método gramático-histórico. Cada uma representa uma proposta peculiar de interpretação do texto bíblico, por sua vez ancorada em diretrizes previamente assumidas que a caracterizam e definem suas implicações. Entender esses métodos e seus desdobramentos histórico-teológicos é um exercício necessário a fim de que se possa observar seus efeitos na interpretação da Bíblia. Este breve estudo buscará essa compreensão quanto ao método alegórico.

¹⁰ Apenas para citar alguns exemplos: OSBORNE, Grant R. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação da Bíblia*. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 470-476, fala de “método sintético, método da história das religiões, métodos diacrônicos e da crítica da tradição, método cristológico, método confessional, método narrativo, e método múltiplo”; KÖRTNER, Ulrich H. J. *Introdução à Hermenêutica Teológica*. São Leopoldo: Sinodal: EST, 2009, p. 31, fala de “métodos histórico-críticos, filosófico-sistemáticos e empírico-humanísticos”; PORTER, Stanley E; STOVELL, Beth M. (Eds.). *Biblical Hermeneutics: five views*. Edited by Stanley E. Porter and Beth M. Stovell; with contributions by Craig L Blomberg et al. Downers Grove, IL: EUA, 2012, p. 14 e seguintes, fala dos seguintes métodos: “gramatical crítico-histórico, pós-moderno literário, filosófico-teológico, histórico-redentivo, e canônico”; GORMAN, Michael J. *Elements of Biblical Exegesis: a basic guide for students and ministers*. Revised and expanded edition. Grand Rapids, MI, USA: Baker Publishing Group, 2009, p. 13-33, fala de métodos: “sincrônico, diacrônico, e existencial”, e nas p. 234 a 240 apresenta a explicação de cada um deles em forma de tabela. A tese da obra é a proposta de um método eclético que combina os três mencionados. Na mesma direção caminha TATE, W. Randolph. *Interpretation: an integrated approach*. Third Edition. Grand Rapids, MI, USA: Baker Publishing Group, 2008, que nas p. 277 e seguintes propõe uma divisão em: (a) “métodos que focam o mundo atrás do texto”: criticismo da forma, Criticismo Genético, Criticismo da Tradição; (b) “métodos que focam o mundo no texto”: Criticismo formal, Criticismo Retórico, Teoria dos Atos de Fala, Estruturalismo; (c) “métodos que focam o mundo em frente ao texto”: Criticismo Afro-Americano, Criticismo Cultural, Desconstrucionismo, Novo Historicismo, Teologia da Libertação e Criticismo Pós-Colonial, Teoria da Recepção, Criticismo Feminista; e (d) “métodos que envolvem mais de um mundo”: Criticismo ideológico, Criticismo Intertextual, Criticismo Marxista, Criticismo Mimético, Criticismo Narrativo, Criticismo Sócio-Retórico. Sua tese é a de que seria possível uma metodologia geral que contemple toda essa miscelânea de propostas interpretativas. E a lista de perspectivas e propostas metodológicas, que é infindável, não para por aqui.

2. O método alegórico

2.1 Definições e características

A etimologia do termo “alegoria” deriva de ἄλλο ἀγορεύειν, *állo agoreúein*, que significa “dizer algo diferente do que as próprias palavras implicam, podendo etimologicamente ser aplicado a qualquer forma de expressão do pensamento”¹¹. Nessa perspectiva, parece ter sido “o Pseudo-Heráclito, do século primeiro d.C., que forjou a palavra ‘alegoria’, definindo-a como tropo retórico que possibilita dizer algo e, ao mesmo tempo, aludir a algo diverso”¹². Essa prática passou a ser chamada de retórica pelos romanos¹³. O uso da alegoria “atendia a uma função pragmática: endossar o caráter moral da época, proporcionar encantamento ao texto ou substituir uma expressão própria ou equivalente, visando adornar o discurso”¹⁴.

Desta forma, a alegoria é uma forma literária, ou, como preferem alguns, uma técnica literária. Entretanto, essa técnica pressupõe um método de interpretação que a dirige, ao mesmo tempo em que sua prática o reafirma. Por isso é possível dizer, em termos epistemológicos, que a alegoria é a forma literária de expressão do método alegórico de interpretação. Já o método alegórico é aquele que tem na criatividade mística¹⁵ o fundamento geral que define as diretrizes de aproximação, instrumentalização, e aplicação do texto bíblico. É o método que privilegia a chamada

¹¹ SCHODDE, G. H. (1915). Allegory. In J. Orr, J. L. Nuelsen, E. Y. Mullins, & M. O. Evans (Eds.), *The International Standard Bible Encyclopedia*. Vol. 1-5. Chicago: The Howard-Severance Company, 1915, p. 97-98.

¹² FILHO, José Adriano. Mudança de Paradigma e Interpretação das Parábolas Evangélicas. In: *Revista de Estudos de Religião*, v. 26, nº 42, jan/jun 2012, p. 54.

¹³ MARTINHO, Marcos. A Definição de Alegoria Segundo os Gramáticos e Rétores Gregos e Latinos. *Revista Brasileira de Estudos Clássicos da USP – Universidade de São Paulo*, Vol. 21, nº 2, p. 252-264.

¹⁴ PEREIRA, J. Batista; LIMA, Stélio Torquato. Alegoria Benjaminiana. *Revista da Faculdade Santo Agostinho, Teresina*, v. 10, nº 3, art. 9, Jul/Set 2013, p. 140.

¹⁵ SOANES, C., & STEVENSON, A. *Concise Oxford English Dictionary*. 11th Edition. Oxford: Oxford University Press, 2004, define como “mística uma qualidade fascinante de mistério, glamour, ou poder associado com alguém ou alguma coisa; Um ar de segredo que envolve uma atividade ou assunto, o que o torna impressionante ou desconcertante para o leigo.”

busca pelo sentido espiritualizante ou mais profundo do texto. O objetivo desse método é buscar o(s) sentido(s) secundário(s) que se crê estar(em) oculto(s) em qualquer parte do texto.

Conforme já mencionado, “em estreita aliança com a interpretação alegórica está a mística, segundo a qual deve se buscar múltiplas profundidades e nuances de significado em cada palavra da Bíblia”¹⁶. A ideia é que existem sentidos distintos do literal para cada palavra, e que todos eles convergem para um “sentido espiritualizante” mais amplo do texto. Nessa perspectiva se busca por um sentido dito “espiritual”, entendido como uma realidade distinta do sentido literal mais evidente no próprio texto. Segundo já se notou, essa ideia tem sua origem na dicotomia platônica da verdade como realidade espiritual que está sempre acima, além, e é absolutamente superior às realidades materiais mais próximas e sensíveis.

Dessa forma, o método alegórico está sempre em busca de definir qual o sentido real que defende existir além da literalidade do texto, autorizando para isso que o intérprete se valha de elementos alheios à objetividade expressa no seu conteúdo, com vistas a captar o sentido considerado mais profundo e por isso dito mais sublime. Um vislumbre acerca deste método pode ser verificado na seguinte explicação de Kaiser Jr.:

O sistema alegórico de interpretação é construído sobre a doutrina das correspondências. Em termos simples, ela afirmava que todo objeto ou acontecimento natural ou terreno é acompanhado de um objeto ou acontecimento análogo correspondente de natureza espiritual ou celeste. Em grande parte, essa ideia é derivada de Platão, que dividiu o mundo em dois: um mundo visível e outro emblemático; um palpável e outro invisível. Em sua mais ampla aplicação, ele afirma que toda a vida e toda a história secular são uma alegoria e descrição de coisas espirituais ou celestes; outros restringem sua aplicação somente às Escrituras.¹⁷

Em outro texto sobre hermenêutica bíblica, o mesmo autor amplia sua explicação sobre o método alegórico ao mencionar que:

¹⁶ TERRY, M. S. *Hermenêutica*. Terrassa: CLIE, 1985, p. 22, com tradução própria.

¹⁷ KAISER JR, Walter C; SILVA, Moisés. *Introdução à hermenêutica bíblica*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 212.

A fonte desse tipo de pensamento não é a Escritura. Trata-se de um raciocínio construído com base na chamada doutrina das correspondências, segundo a qual existiria uma correspondência entre o mundo terreno ou natural e o reino celestial ou espiritual. A primeira produziria analogias corretas e perfeitas da última. Tal conceito, é claro, tem origem no antigo pensamento platônico, em que as coisas do mundo visível seriam apenas sombras de imagens invisíveis mais elevadas. Os gregos adotaram esse conceito porque lhes era conveniente, e também por desespero, como meio tácito de esconder, perdoar e até mesmo venerar as explorações mitológicas de seus deuses e homens que já não eram mais aceitas ao pé da letra. De igual modo, alguns filósofos judeus, teosofistas e fariseus acharam útil o método, porque lhes permitia alicerçar suas opiniões e estratégias de pensamentos em textos que, de outra maneira, teriam resistido às mais arrojadas investidas hermenêuticas.¹⁸

Observado em suas aplicações, conforme se verá mais adiante, nota-se que o método alegórico se caracteriza por assumir pressuposições hermenêuticas, dentre as quais pode-se mencionar, principalmente: (1) o texto contém em si múltiplos significados; (2) todos os significados do texto são válidos e úteis ao intérprete; (3) os múltiplos significados do texto podem ser encontrados fora do próprio texto. Essas e outras pressuposições se combinaram no sistema de interpretação que hoje se conhece como método alegórico, cujas origens remontam a muito tempo atrás.

2.2 Possíveis origens

Embora seja comumente destacado a partir dos escritos de Clemente (150-215) e Orígenes (185-254), nos quais a interpretação alegórica salta aos olhos, estudos mais recentes evidenciam que seus primórdios podem ser datados em escritos anteriores, já nos filósofos gregos mais antigos, e mais tarde também no judaísmo heterodoxo. Ambas as fontes teriam influenciado significativamente a chamada “escola de

¹⁸ KAISER JR., Walter C. *Hermenêutica Legítima*. In: GEISLER, Norman L. [Organizador]. *A Inerrância da Bíblia: uma sólida defesa da infalibilidade das Escrituras*. Norman Geisler organizador. São Paulo: Editora Vida, 2007, p. 154-155.

Alexandria”¹⁹, proporcionando a seus componentes uma adesão ao dualismo ontológico²⁰ como paradigma de sentido existencial, desdobrando-se também como base para a tarefa hermenêutica.

A alegoria é uma prática que já existia desde os séculos 9º e 8º a.C. como recurso de argumentação, como se nota nos poemas de Homero e Hesíodo²¹. Os filósofos gregos mais antigos adotaram a prática de expressar suas ideias e argumentações filosóficas por meio do uso de narrativas altamente carregadas com as figuras e estórias da mitologia de seu tempo. Os primeiros desses de que se tem notícias foram Teágenes de Régio e Ferecides de Siros, ambos do 6º século a.C. Filósofos como Platão fizeram amplo uso do recurso da alegoria em seus escritos²². Daí em diante a alegoria passou a ser adotada com facilidade para conduzir a interpretação e argumentação de ideias filosóficas, no intuito de facilitar a compreensão popular do raciocínio apresentado pelos sofistas²³. Era sugerido que, assim como nos poemas antigos, as argumentações filosóficas continham em si sentidos mais profundos a serem captados por seu intérprete.

Essa ideia pareceu contextualmente oportuna. As atitudes de alguns deuses gregos, por vezes consideradas imorais e recusáveis foram tratadas por meio da alegoria, que passou a servir de instrumento para tornar aceitáveis tais atitudes²⁴. Na prática, a alegoria foi a tentativa de se

¹⁹ TERRY, M. S. *Hermenêutica*. Terrassa: CLIE, 1985, p. 20-21, explica que “o método alegórico de interpretação obteve proeminência, desde cedo, entre os judeus de Alexandria. Geralmente se atribui a sua origem à mescla da filosofia grega com as concepções bíblicas acerca de Deus.” (Tradução própria).

²⁰ TATE, W. Randolph. *Handbook for Biblical Interpretation: an essential guide to methods, terms, and concepts*. Second Edition. Grand Rapids, MI, USA: Baker Publishing Group, 2012, p. 129.

²¹ Conf. ROILOS, Panagiotis. Allegorical Modulations, cap. 3. In: *Amphoteroglossia: A Poetics of the Twelfth Century Medieval Greek Novel*. Hellenic Studies Series 10. Washington, DC: Center for Hellenic Studies of Harvard University.

²² O uso da alegoria por Platão pode ser notado no farto repertório de fontes primárias colecionadas em: ORLANDI, Juliano. Alegoria e Narrativa em Platão. *Revista Philótophos*, Goiânia, V.19, nº 2, p.129-149,

²³ HALL, Christopher. *Lendo as Escrituras com os pais da igreja*. 2ª Edição. Viçosa-MG: Editora Ultimato, 2007, p. 155.

²⁴ VIRKLER, Henry A. *Hermenêutica avançada: princípios e processo de interpretação bíblica*. São Paulo: Editora Vida, 2007, p. 38: “Visto que os mitos religiosos con-

“harmonizar o mito com a razão²⁵”. O mito exigia reverência a deuses escandalosamente injustos e imorais. A razão determinava que não faria qualquer sentido reverenciar deuses dessa índole e natureza. Coube à alegoria acomodar essa tensão ao buscar nesses relatos os alegados significados mais profundos que serviam para justificar a conduta desses deuses e a plausibilidade de sua reverência.

O que a princípio era mais uma tentativa poética de se explicar o comportamento estranho dos deuses gregos, com o tempo tornou-se um recurso de argumentação muito usado para se defender qualquer argumento contra seus acusadores. No uso continuado dessa técnica, os pressupostos mitológicos (da religiosidade pagã) se fundiram com os pressupostos do raciocínio filosófico. E assim a razão e a superstição eram estranhamente mescladas numa esforçada tentativa de se atribuir alguma coerência às intuições religiosas a princípio esvaziadas de sentido racional.

Depois de popularizado pelos sofistas, conforme já mencionado, o uso da alegoria foi mais tarde adotado e impulsionado fortemente pelo judaísmo heterodoxo²⁶. Na medida em que o raciocínio interpretativo alegórico se tornou comum no âmbito dos pensadores gregos, sua influência se tornou popular e permeou a mentalidade helênica que predominou como paradigma cultural por muitos séculos. Isso chamou a atenção de religiosos da época que queriam se aproximar e argumentar com tal público e alcançá-lo com outra perspectiva.

Foi esse o caso, por exemplo, de Fílon de Alexandria (c. 25-50 d.C.)²⁷. Na busca de tornar o judaísmo compreensível e aceito aos helenistas

tinham muita coisa imoral ou de outro modo inaceitáveis, os filósofos gregos davam forma de alegoria a essas histórias; isto é, os mitos não deviam ser entendidos em sentido literal, mas como histórias cuja real verdade jaz num nível mais profundo.”

²⁵ SHOTWELL, James T. *Christianity and History: II. Allegory and the Contribution of Origen*. In: *The Journal of Philosophy, Psychology and Scientific Methods*, Vol. 17, nº 5 (Feb.26, 1920), p. 114.

²⁶ Acerca do uso do método alegórico por intérpretes judeus ver: SINGER, I. (Ed.). In: *The Jewish Encyclopedia: A Descriptive Record of the History, Religion, Literature, and Customs of the Jewish People from the Earliest Times to the Present Day*, 12 Volumes. New York; London: Funk & Wagnalls, Vol. 1, 1901-1906, p. 403-412.

²⁷ Um estudo acerca da hermenêutica de Fílon pode ser consultado em BORGES, Peder. *Philo of Alexandria as Exegete*. In: HAUSER, Alan J.; WATSON, Duane F. (Eds.). *A History of Biblical Interpretation: Volume 1 – The Ancient Period*. Grand Rapids, MI, USA: Eerdmans Publishing Company, 2003, p. 114-143. Um estudo

de sua época, ele adotou o método alegórico como instrumento de argumentação e diálogo. Desta forma Fílon tentou combinar a tradição da ortodoxia judaica com as filosofias gregas, e com isso ele adotou o dualismo platônico como base de interpretação do Antigo Testamento. É dito que ele “confiava fielmente na exegese alegórica na tentativa de tornar a Bíblia mais acessível aos ouvintes helênicos, enfatizando o íntimo relacionamento entre a filosofia grega e a teologia judaica”²⁸. Na prática, “ele tentava demonstrar que as Escrituras hebraicas eram compatíveis com (até mesmo superior a) o pensamento helenístico”²⁹. Por isso é dito que “o modelo usado por Fílon, para seu princípio hermenêutico, era a divisão platônica do mundo e das pessoas em duas esferas – uma visível e outra emblemática”³⁰. Para ele, o importante era a ênfase no “significado filosófico contido na Bíblia, o qual poderia ser descoberto por meio da interpretação alegórica.”³¹

Em sua adesão sem reservas ao uso da alegoria, Fílon via no texto uma variedade ilimitada de significados, e se valia principalmente dos recursos da etimologia³² e da numerologia para tentar chegar até eles. Contudo, o elemento principal da alegoria foi, desde sua origem, a criatividade do intérprete e isso pode ser notado também nas interpretações de Fílon. Dockery menciona, a título de exemplo, um resumo da interpretação alegórica de Fílon acerca de Gênesis, capítulo primeiro:

Fílon interpretava Gênesis 1,1 como a formação de um padrão incorpóreo, como uma ideia platônica. Em relação aos dias da criação, sua discussão sobre as qualidades do número seis mostrava a

sobre o amplo uso da alegoria por Fílon pode ser consultado em: RIOS, Cesar Motta. *A Alegoria na Tessitura de Fílon de Alexandria*: estudo a partir da obra filônica com ênfase em Sobre os Sonhos I. Dissertação de Mestrado no PPG em Estudos Literários da UFMG. Belo Horizonte, 2009.

²⁸ HALL, 2007, p. 156.

²⁹ OSBORNE, 2009, p. 420.

³⁰ KAISER, Walter C; SILVA, Moisés. Introdução à hermenêutica bíblica. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 208.

³¹ DOCKERY, 2005, p. 75.

³² Literalmente etimologia significa o estudo da origem, composição, e desenvolvimento histórico-linguístico de uma palavra. OSBORNE, 2009, p. 108, resume que, “etimologia, a rigor, é o estudo da história de um termo”, que inclui sua “diacronia (história do termo) e sincronia (uso atual de um termo)”.

influência pitagórica. Ele apresentava um significado para os quatro rios do Paraíso (Gn 2,10-14): prudência, temperança, coragem e justiça, as virtudes platônicas fundamentais.³³

Em sua obra *Na Criação*, Fílon interpretou as plantas do jardim do Éden como diferentes qualificações do caráter, das quais a árvore da vida seria maior delas, ou seja, a virtude. Já na obra *Na Posteridade de Caim e Seu Exílio*, ele sugere que o êxodo do Egito deveria ser interpretado como a rejeição das paixões corporais, ao passo que a insistência dos Israelitas em voltar ao Egito seria a tentativa de se voltar às antigas paixões corpóreas. Ao se aproximar do texto a partir das ideias de Platão, e depois de o compreender dessa maneira, Fílon insistia em sua aplicação de forma igualmente alegorizada. Note-se que desde Fílon a alegorização incidiu sobre as três etapas de interpretação do texto, a saber: aproximação, compreensão e aplicação. Essa prática interpretativa evidencia que a alegoria surgida na Grécia Antiga e popularizada pelos sofistas foi também empregada no judaísmo heterodoxo. Tal paradigma, em grande medida, abriu caminho para o que ocorreria mais tarde no âmbito da interpretação cristã de todo o cânon bíblico.

3. Trajetória histórico-teológica

O amplo uso do método alegórico para interpretação do Antigo Testamento, por Fílon, parece ter aberto caminho para semelhante empreendimento no âmbito do cristianismo. Ao longo da trajetória histórico-teológica da hermenêutica cristã este método esteve presente, ainda que em diferentes formas e níveis de intensidade. A prática interpretativa de alguns teólogos cristãos evidencia esse fato já desde o segundo século da era cristã. Alguns exemplos podem ser mencionados, dentre eles o da Epístola de Barnabé:

Filhos do amor, aprendei mais particularmente estas coisas: Abraão, praticando por primeiro a circuncisão, circuncidava porque

³³ DOCKERY, 2005, p. 75.

o Espírito dirigia profeticamente seu olhar para Jesus, dando-lhe o conhecimento das três letras. Com efeito, ele diz: “E Abraão circuncidou entre os homens de sua casa trezentos e dezoito homens” [Gn 14,14; 17,27]. Qual é, portanto, o conhecimento que lhe foi dado? Notai que ele menciona em primeiro lugar os dezoito e depois, fazendo distinção, os trezentos. Dezoito se escreve: I, que vale dez, e H, que representa oito. Tens aí: IH(sous) = Jesus. E como a cruz em forma de T devia trazer a graça, ele menciona também trezentos (= T). **Portanto, ele designa claramente Jesus pelas duas primeiras letras e a cruz pela terceira.** Quem depositou em nós o dom do seu ensinamento sabe bem disto: Ninguém recebeu de mim ensinamento mais digno de fé. Sei, porém, que vós sois dignos (com grifos acrescidos)³⁴.

O que o escritor da Epístola de Barnabé (que na verdade é uma escrita anônima composta por volta de 120-130 d.C.) fez no texto acima foi alegorizar o número 318 mencionado em Gênesis 14,14. Afirmou-se que os 318 servos de Abraão simbolizavam a morte de Jesus na cruz porque 300 equivaleria ao valor numérico da letra grega T, cujo desenho tem formato de cruz, somado a 18 que seria o valor equivalente à soma das duas primeiras letras da palavra grega “Iesous”.

Essa forma de aproximação, compreensão, e aplicação do texto, com excessivo grau de criatividade e descomprometimento com os níveis internos de contextualização influenciou também a hermenêutica de outros intérpretes cristãos do período pós-apostólico. O fato de empregarem, na leitura da Bíblia, as práticas de alegoria já habituais nas argumentações dos filósofos gregos e intérpretes judeus abriu precedente para torná-la aceitável por outros que lhe sucederam. E dentre os principais estão Clemente e Orígenes³⁵. Ambos se valeram amplamente da alegoria para interpretação do texto bíblico, sob o argumento de buscar o seu pretense sentido mais profundo e mais sublime.

Clemente (150-215), quem antecedeu Orígenes (185-254), defendia que “em todo o texto sempre havia um ou mais significados profundos ou adicionais além ou acima de seu sentido imediato. Os significados mais

³⁴ Epístola de Barnabé, cap. 9, último parágrafo.

³⁵ HAUSER; WATSON, 2003, menciona que Fílon foi precursor de Clemente que por sua vez o foi de Orígenes no tocante ao uso e promoção da alegoria.

profundos deveriam ser revelados por meio da interpretação alegórica.”³⁶ É dele “a teoria de que cinco sentidos estão ligados à Escritura (histórico, doutrinal, profético, filosófico e místico)”³⁷. É dito que “ele acolhia os *insights* da filosofia platônica como uma propedêutica por meio da qual as mentes poderiam ser treinadas para receber a verdade absoluta revelada por Cristo.”³⁸ Entretanto, conforme menciona Hall, em seu labor alegórico Clemente “inclina-se, como Orígenes, a omitir a importância do contexto, torcendo os versículos fora de seu ambiente contextual em seu desejo de ler toda a Escritura à luz do Evangelho”³⁹.

Já Orígenes, aparecendo poucos anos depois de Clemente e tendo se tornado seu sucessor na escola de Alexandria, foi reconhecidamente quem sistematizou o uso da alegoria em forma de método⁴⁰, justificando e fazendo amplo uso dele em suas interpretações. Foi ele, na opinião de muitos autores, o maior praticante e expoente da interpretação alegórica, considerado um “helenizador consistente”⁴¹, “o maior advogado da interpretação alegórica”⁴². Em sua prática, Orígenes não só aplicou a alegoria, mas parece ter procurado justificá-la e assim organizá-la de maneira metódica em alguma medida.

Dessa forma, Orígenes foi quem mais tentou justificar a adoção e aplicação do dualismo grego como pressuposto macro hermenêutico para interpretação da Bíblia. Para ele, a alegoria viabilizava uma versão cristã desse paradigma e por isso era uma forma válida de enfrentar os desafios da ausência de resposta bíblica literal para alguns dos

³⁶ DOCKERY, 2005, p. 80.

³⁷ VIRKLER, 2007, p. 44.

³⁸ DOCKERY, 2005, p. 80-81.

³⁹ HALL, 2007, p. 173.

⁴⁰ MUELLER, 1997, p. 239, lembra que “Orígenes foi o primeiro na história da igreja a expor uma teoria de interpretação bíblica, incluindo uma teoria hermenêutica completa. Pode-se chamar seu método de ‘alegórico’. Suas influências diretas se encontram em Filon e no platonismo.”

⁴¹ PELIKAN, Jaroslav. *A tradição cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina – o surgimento da tradição católica 100-600*, Vol. 1. São Paulo: Shedd Publicações, 2014, p. 67. Ao longo dessa obra fica evidente como o debate acerca da interpretação das Escrituras esteve presente como pano de fundo das discussões doutrinárias a partir das quais a teologia cristã se sistematizou.

⁴² HALL, 2007, p. 155.

questionamentos feitos pelos gnósticos⁴³ de seu tempo, os quais eram vistos como ameaça para a fé cristã. A cada questão não respondida satisfatoriamente pelo texto, a Bíblia se tornava para os helenistas e gnósticos como que uma fábula descartável, ora por não atender aos padrões especulativos da filosofia grega⁴⁴, ora por não satisfazer os anseios místicos dos questionadores gnósticos da época.

No intuito de produzir essas respostas e tornar a Bíblia aceitável a eles é que os alexandrinos abriram as portas para o uso da alegoria como meio aceitável de interpretação. Para Orígenes e seus contemporâneos não faltaram boas intenções quanto à defesa da veracidade das Escrituras e sua aceitação no meio cultural de seu tempo. Contudo, seu zelo ao rigor interpretativo cedeu às pressões causadas pelas crises entre cristãos judeus e cristãos helenistas, às intensas e cada vez maiores críticas filosóficas, e à própria heresia gnóstica.⁴⁵

Na perspectiva de dar respostas convenientes a estas crises, o método alegórico foi finalmente estabelecido sobre duas grandes diretrizes de interpretação da Bíblia. A primeira era a busca do sentido literal do texto, e a segunda, que necessariamente deveria vir em seguida, era a busca do sentido espiritual e mais profundo dele. Contudo, mesmo ao buscar o sentido literal do texto, Orígenes estabeleceu uma dicotomia entre o sentido das palavras em si mesmas e o sentido da história por trás delas.

Embora não descartasse o sentido gramatical do texto, Orígenes enfatizava de maneira muito mais intensa o sentido histórico que teria motivado a produção do texto. E diante da ausência de informações históricas

⁴³ Detalhes sobre o gnosticismo e sua relação com a hermenêutica podem ser observados em ARENDZEN, John. Gnosticism. *The Catholic Encyclopedia*. Vol. 6. New York: Robert Appleton Company, 1909.

⁴⁴ HALL, 2007, p. 161: “O exegeta cristão em Alexandria precisava responder convincentemente à ameaça gnóstica, demonstrando a unidade entre o Deus e as Escrituras do Antigo Testamento e o Deus e as Escrituras do Novo. Além disso, esta demonstração tinha de ser plausível para a mente grega. [...] Como importante artifício hermenêutico, os estudiosos cristãos alexandrinos voltaram-se para a alegoria a fim de cumprir sua tarefa apologética, evangelística, educacional e homilética.”

⁴⁵ DOCKERY, 2005, p. 78, pontua: “Da mesma forma que Fílon havia buscado reconciliar o judaísmo com o helenismo, em especial com o platonismo, Clemente e Orígenes voltaram-se para a filosofia platônica e para a hermenêutica alegórica para lidar com as objeções prementes à regra de fé e à Bíblia.”

que permitissem contextualizar a produção do texto, Orígenes mais uma vez se valia da criatividade, plantando no texto as sementes da aplicação alegórica que normalmente era completada na segunda etapa de sua hermenêutica. Nela, Orígenes transpunha o texto para outro plano de interpretação, totalmente desvinculado do contexto primário, valendo-se para isso de aplicações criativas que fossem úteis nos aspectos moral e eclesiástico, definidos pela conveniência circunstancial de seu tempo. Um exemplo da hermenêutica alegórica de Orígenes foi assim mostrado:

Em sua interpretação de Jeremias 1,10, Orígenes comentou que Jeremias ‘recebeu a palavra de Deus a fim de despedaçar e destruir nações e reinos’. O texto em Jeremias diz: ‘Veja! Eu hoje dou a você autoridade sobre nações e reinos, para arrancar, despedaçar, arruinar e destruir; para edificar e plantar.’ Orígenes observou: ‘As nações e os reinos não deveriam ser considerados entes físicos (*somatikos*), mas uma alegoria para representar (*tropologein*) o reino e as nações do pecado’. Nesse caso, os termos reino e nações possuem uma referência histórica na esfera do sentido lítero-gramatical e possuem um significado alegórico na esfera do sentido espiritual. O fato de um único termo conter o potencial de uma referência dupla tornava possível a transposição alegórica.⁴⁶

Essa forma de interpretar a Bíblia influenciou, em diferentes medidas, as interpretações de Ambrósio e João Cassiano, e, por meio deles a Agostinho. É dito que “Ambrósio foi o primeiro instrutor de Agostinho nas Escrituras e ensinou a metodologia interpretativa alegórica a Agostinho”⁴⁷. Profundamente impactado pelas controvérsias cristológicas de seu tempo, a hermenêutica de Agostinho foi caracterizada pela combinação de elementos das escolas de interpretação de Antioquia (racional, histórica e mais literal) e de Alexandria (mais alegórica)⁴⁸. No trato com o texto bíblico se valeu do método alegórico em seu esforço por valorizar

⁴⁶ DOCKERY, 2005, p. 87.

⁴⁷ HALL, Christopher A. *Reading Scripture with the Church Fathers*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1988, p. 102.

⁴⁸ TORRES, Clício Ribas. A Hermenêutica de Agostinho Sob a Ótica de Intérpretes Evangélicos da Atualidade. *Revista Via Teológica da Faculdade Teológica Batista do Paraná*, Vol. 14, nº 27, junho de 2013, p. 67.

a pessoa e as obras de Jesus Cristo. Exemplos disso podem ser vistos: na Doutrina Cristã, livro III, 38 e 42 a 55 (essa última seção tratando sobre as regras interpretativas de Ticônio), também no primeiro volume de seu comentário de Gênesis intitulado *De Genesi contra manichaeos*, e ainda nos três últimos livros da série Confissões. Contudo, talvez o exemplo mais conhecido de tal uso tenha sido sua interpretação da parábola do bom samaritano (Lc 10,25-37)⁴⁹, de forma muito semelhante à proposta de Orígenes⁵⁰. Uma síntese pode ser considerada a seguir:

a) Jerusalém e Jericó: Jerusalém é a cidade celestial de paz e de bem-aventurança de onde Adão caiu. Jericó, a “lua”, significa nossa mortalidade, porque ela nasce, cresce, envelhece e morre; b) O samaritano: Jesus Cristo, o próprio Senhor que teve misericórdia da raça humana; c) O homem que descia de Jerusalém para Jericó: Adão e a raça humana. Adão recebeu a ferida mortal e toda a raça humana teria perecido se o samaritano não tivesse curado suas feridas; d) Os ladrões: o diabo e seus anjos, que persuadiram o homem a pecar, deixando-o semimorto; e) O sacerdote e o levita que não atenderam o homem ferido: o sacerdócio e o ministério do Antigo Testamento, incapazes de restaurar o homem ferido; f) O retorno do samaritano no dia seguinte: depois da ressurreição do Senhor; g) A hospedaria: a Igreja na qual os viajantes descansam da peregrinação, na medida em que retornam para a pátria celestial; h) O animal no qual o samaritano colocou o homem ferido: a carne de Cristo; i) Os dois denários que o samaritano deu ao hospedeiro: os mandamentos do amor ou as promessas da vida presente e da vida futura; j) O hospedeiro da parábola:

⁴⁹ Um bom estudo com menções a todas as fontes primárias pode ser lido em TESKE, Roland. *The Good Samaritan (Lk 10:29-37) in Augustine's Exegesis*. In: FLETEREN, Frederick Van; SCHNAUBELT, Joseph C.; Editors. *Augustine: Biblical Exegete*. Augustinian Historical Institute Series (Book 5). 2th edition. New York, USA: Peter Lang Inc., International Academic Publishers, 2004, p. 347-367.

⁵⁰ GREIDANUS, S. *The Modern Preacher and the Ancient Text: Interpreting and Preaching Biblical Literature*. Grand Rapids, MI; Cambridge, U.K.: William B. Eerdmans Publishing Company, 1988, p. 159-160, Orígenes interpretou a parábola do bom samaritano da seguinte maneira: “O viajante (Adão) viaja de Jerusalém (céu) para Jericó (o mundo) e é assaltado por ladrões (o diabo e seus ajudantes). O sacerdote (a lei) e o levita (os profetas) passam sem ajudar o Adão caído, mas o samaritano (Cristo) pára para ajudá-lo, coloca-o em sua besta (corpo de Cristo) e o leva a uma hospedaria (a igreja), dando ao estalajadeiro dois denários (o Pai e o Filho), e prometendo voltar (a segunda vinda de Cristo)”.

o apóstolo Paulo, mas também os pregadores do Evangelho; 1) A cura das feridas, o azeite e o vinho: a cura das feridas – o perdão dos pecados; o azeite – a consolação da boa esperança por causa do perdão recebido com a reconciliação; o vinho – exortação para agir com um espírito fervente. O vinho e o azeite: “sacramento do unigênito”, identificado com o batismo.”⁵¹

A característica epistemológica mais evidente nessa forma de interpretação é a extrapolação quanto aos limites “do” texto. Na prática, aceita-se pressupostos e significados não informados pelo próprio texto. Usualmente são informados pela criatividade do intérprete em sua busca pelos variados sentidos que entendia estar ocultos no texto. Desde sua adoção no âmbito cristão até o século 5º houve sensíveis variações em suas perspectivas, conforme resume o quadro abaixo⁵²:

Diferentes Sentidos do Texto	Intérpretes Cristãos			
	Clemente de Alexandria (150-215)	Orígenes (185-254)	Ambrósio (340-379) João Cassiano (360 -435)	Agostinho (354-430)
Literal ou Histórico	Literal ou Histórico (menos importante)	Literal ou Corporal (para as pessoas comuns)	Literal (que informa a pessoa dos eventos históricos)	Literal
Tropológico ou Moral	Doutrinal (moral, religioso e teológico)	Moral ou Psíquico (para líderes e mercadores)	Moral (que a pessoa deve praticar)	Moral
Alegórico ou Místico	Alegórico ou Místico	Alegórico/místico ou Espiritual (para quem tem tempo, discernimento e interesse)	Alegórico (que a pessoa deve crer)	Alegórico
Anagógico ou Escatológico	Profético ou Tipológico	–	Místico (que a pessoa deve esperar)	Místico

⁵¹ FILHO, 2012, p. 56-57.

⁵² Quadro elaborado a partir dos esboços de UTLEY, R. J. D. *You Can Understand the Bible!* Marshall, Texas: Bible Lessons International, 1996, p. 26.

Filosófico	Filosófico (eventos e pessoas históricas como símbolos de categorias e verdades filosóficas)	–	–	–
------------	--	---	---	---

A combinação dos quatro primeiros sentidos do quadro acima ficou conhecida por “quadriga”⁵³ e foi a perspectiva interpretativa que predominou do 5º século ao século 16. Durante os cerca de mil anos de teologia cristã, desde Agostinho até a Reforma, a interpretação alegórica foi continuada em grande medida pela influência dos Pais da Igreja na interpretação das Escrituras.

Nomes como Gregório o grande (540-604), Bernardo de Claraval (1090-1153) e Tomás de Aquino (1125-1274) figuram como exemplos de tal uso no decorrer da idade média, muito embora com diferentes contornos⁵⁴. Tomás de Aquino, por exemplo, na tentativa de justificar o que entendia ser um viés positivo da alegoria, fez a distinção entre a alegoria de natureza teológica (ou espiritual) daquela de natureza secular. A primeira estaria preocupada com a compreensão dos sentidos mais profundos da mensagem divina, enquanto a segunda se resumiria ao jogo das abstrações argumentativas. Para Aquino, no entanto, “os três sentidos [tropológico, alegórico e anagógico] são aspectos do sentido espiritual, e estão, portanto, ligados ao texto”⁵⁵. Desta forma, esse sentido “espiritual” estaria contido no texto⁵⁶.

⁵³ MATHISON, K. A. *The shape of sola scriptura*. Moscow, ID, USA: Canon Press, 2001, p. 66, explica que a quadriga era a perspectiva de que o texto necessariamente carregava em si quatro sentidos: “(1) o Histórico (historia), o sentido literal do texto que explica o que aconteceu; (2) o alegórico (alegoria), o sentido espiritual do texto que é representado pelo sentido literal; (3) o tropológico (tropologia), a declaração moral do texto; e, (4) o anagógico (anagoge), o sentido do texto que atrai o leitor para a contemplação celestial.”

⁵⁴ CURTIS, E. L. Old Testament. In J. Hastings, J. A. Selbie, A. B. Davidson, S. R. Driver, & H. B. Swete (Eds.). *A Dictionary of the Bible: Dealing with Its Language, Literature, and Contents Including the Biblical Theology*, Vol. 3. New York; Edinburgh: Charles Scribner’s Sons; T. & T. Clark, 1911–1912, p. 602.

⁵⁵ SHELTON, R. Larry. Martin Luther’s Concept of Biblical Interpretation in Historical Perspective. In: *George Fox Evangelical Seminary*, George Fox University, Paper 11, p. 103.

⁵⁶ Ao que parece, a perspectiva de Aquino tem prevalecido na hermenêutica católica, conforme se pode notar no subtítulo II Questões Hermenêuticas, item “B” O significado

No meio protestante, o método alegórico também teve seu lugar, embora em medida mais atenuada em relação ao seu amplo predomínio na idade média. Embora Lutero (1483-1546) tenha sido crítico declarado do uso do método alegórico por Jerônimo e Orígenes⁵⁷, ele em certa medida se valeu do mesmo método⁵⁸. Em seu comentário sobre Gênesis, depois de alertar acerca do uso desatento e deliberado das alegorias, ele declarou que “essas observações não devem ser entendidas como se condenássemos as alegorias em geral”⁵⁹. Lutero explica esse aparente contrassenso propondo haver dois tipos de alegoria⁶⁰, uma que ele chama de “alegoria apenas filosófica”, produto da mera especulação, e outra que ele chama de “alegoria teológica”, que seria aquela usada com discernimento. Não é de se estranhar, portanto, que em muitos de seus escritos, “comentários são feitos tomando por base os quatro sentidos bíblicos tradicionais”⁶¹ e isso fica claro, de forma mais evidente, nos seus comentários aos Salmos.

Um exemplo da alegoria teológica de Lutero pode ser notado em sua interpretação das três pombas soltas por Noé após o dilúvio (Gn 8,6-12). Depois de sugerir que o corvo seria símbolo da lei de Moisés, bem como

da Escritura inspirada. In: *The Interpretation of the Bible in the Church*. Presented by the Pontifical Biblical Commission to Pope John Paul II on April 23, 1993 (as published in *Origins*, January 6, 1994).

⁵⁷ Lutero, em seu texto “Do Cativo Babilônico da Igreja”, critica Orígenes por sua opção ao “alegorismo” enquanto método hermenêutico. Conf. LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. Vol. 2: O Programa da Reforma – Escritos de 1520/Martinho Lutero; tradução Annemarie Hohn et AL. 2ª Ed. São Leopoldo/Porto Alegre/ Canoas: Sinodal/Concórdia/Ulbra, 2000, p. 356-357.

⁵⁸ CAMPBELL, D. K. Foreword. In C. Bubeck Sr. (Ed.). *Basic Bible Interpretation: A Practical Guide to Discovering Biblical Truth*. Colorado Springs, CO: David C. Cook, 1991, p. 45. Mesma constatação foi feita por FAZIO, James I. *The Hermeneutical Foundations of ‘Sola Scriptura’: A Critical Examination of Luther’s Christocentric Method of Interpretation*, p. 8-9. Paper presented at the Evangelical Theological Society. Far-West Regional Conference, April 21, 2017 – Gateway Seminary, Ontario, California.

⁵⁹ LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. Vol. 12: Interpretação do Antigo Testamento, Textos Selecionados da Preleção sobre Gênesis/Martinho Lutero. São Leopoldo/Porto Alegre/ Canoas: Sinodal/Concórdia/Ulbra, 2014, p. 336.

⁶⁰ LUTERO, 2014, p. 341.

⁶¹ SCHMITT, Flávio. Interpretação Bíblica e Lutero. *Revista de Teologia e Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco*, Vol. 3, nº 1, dezembro /2013, p. 235.

das leis e vãs filosofias humanas, e que a pomba seria uma ilustração do Evangelho, propõe que a primeira pomba seria o evangelho no tempo dos santos profetas (AT), advindo precariamente ainda durante o tempo da lei (dilúvio/ira); a segunda seria o evangelho no tempo da Palavra proclamada (NT), advindo em plenitude depois de cessado o tempo da lei e durante o tempo da graça (Palavra/misericórdia); e a terceira pomba, que não voltou, seria o evangelho no tempo da consumação final, culminando “com nosso voo com a terceira pomba à outra vida para nunca mais voltarmos a esta vida miserável e calamitosa”⁶².

Com João Calvino (1509-1564) não foi diferente. Embora tenha criticado o emprego forçado do texto bíblico por meio de alegoria, chamando essa prática de “metamorfose semântica”⁶³, admitiu que esse recurso poderia ser usado em certos casos. Entretanto, dizia ele, “as alegorias não devem ultrapassar os limites da norma que a Escritura lhes antepõe”⁶⁴. Calvino apontava que, em algumas porções, o texto bíblico não era claro e, nesses casos, a alegoria poderia ser válida como uma exceção à regra geral da literalidade do texto. Isso seria admissível a fim de não deixar o leitor sem algum significado. Nessa hipótese, “Calvino reportava-se a alguma alegorização do texto, apelando à tradição, mesmo que desconfiando dela”⁶⁵. Um exemplo disso foi sua interpretação de Levítico 11:3:

Embora eu tema que muito pouca confiança possa ser depositada em alegorias, nas quais muitos têm encontrado o seu deleite, eu não encontro qualquer falta, nem mesmo recuso aquilo que nos foi passado pelos antigos, a saber, que pelo casco fendido é significada a prudência em distinguir os mistérios da Escritura e, pelo ruminar, a séria meditação nas suas doutrinas celestiais.⁶⁶

Em interpretações como as citadas acima, Lutero e Calvino parecem ter seguido de perto a prática interpretativa de Agostinho quanto ao uso

⁶² LUTERO, 2014, p. 343-347.

⁶³ CALVINO, João. *As Institutas*. Vol. 3. 2ª Edição. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 107.

⁶⁴ CALVINO, João. *As Institutas*. Vol. 2. 2ª Edição. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 104.

⁶⁵ MEISTER, Mauro. A Exegese Bíblica em Calvino: Princípios, Método e Legado. *Revista Fides Reformata*, Ano XIV, nº 2, 2009, p. 121.

⁶⁶ MEISTER, 2009, p. 121.

do método alegórico combinado com incursões exegéticas⁶⁷. Em razão desses usos atenuados que ambos fizeram do referido método, há estudos que apontam que, em alguma medida, eles teriam aplicado a quadriga medieval em suas interpretações⁶⁸. Pelo fato de se declararem contrários ao método alegórico e ao mesmo tempo o usarem em medida atenuada é dito que, “como a maioria de nós, Lutero e Calvino nem sempre seguiram a sua própria teoria”⁶⁹. Entretanto, parece não ter sido a intenção de ambos a eliminação do método alegórico, mas antes seu uso secundário e complementar.

4. Implicações Hermenêuticas

Há aqueles que defendem o uso do método alegórico⁷⁰ e há aqueles que o consideram inadequado. Essa tensão parece estar longe de terminar. O que se propõe neste breve estudo é que essa questão precisa ser tratada não apenas a partir de suas aparentes implicações, mas, sobretudo, considerando-se as implicações epistemológicas do método em questão.

⁶⁷ AYERS, Robert H. The View of Medieval Biblical Exegesis In Calvin's Institutes. *Perspectives in Religious Studies*, 1980, Vol. 7, n° 3, p. 188–193, argumenta: “Às vezes, é alegado incorretamente que Calvino rejeitou a exegese bíblica medieval porque esta se baseava amplamente na interpretação alegórica. É verdade que, em algumas declarações, ele atacou a interpretação alegórica e, influenciado por sua educação humanística, ele às vezes buscava o significado claro de uma passagem. No entanto, nas Institutas, muitas vezes empregam-se exegeses alegóricas para fins apoloéticos. Seu método exegético foi influenciado não apenas por sua educação humanista, mas também pelas visões de Agostinho sobre os princípios da exegese. Assim, em muitas de suas exegeses atuais, o método usado era semelhante àquele dos medievais que aceitavam os princípios exegéticos de Agostinho.”

⁶⁸ Um desses estudos pode ser consultado em: BLACKETER, Raymond A. Smooth Stones. Teachable Hearts: Calvin's Allegorical Interpretation of Deuteronomy 10:1–2. *Calvin Theological Journal*, 1999, Vol. 34, n. 1, p. 36-63.

⁶⁹ ICE, Thomas D. *Historical Implications of Allegorical Interpretation*. Liberty University, Article Archives, Paper 105.

⁷⁰ GREIDANUS, Sidney. *Preaching Christ from the Old Testament: A Contemporary Hermeneutical Method*. Grand Rapids, MI; Cambridge, U.K.: William B. Eerdmans Publishing Company, 1999, p. 87-88; Ver também: BURDON, Christopher. *The Fathers and the Birds: Allegorical Reading of the Bible*. *Theology* 1996, Vol. 98, p. 443-452.

Conforme proposto a princípio, “o ato de interpretação deve sempre incluir uma reflexão sistemática sobre o processo hermenêutico e dos pontos de partida do intérprete nesse processo”⁷¹. Essa é uma reflexão cabível para todos os métodos de interpretação, inclusive o alegórico. Diante desse sistema de interpretação, cabe uma reflexão sobre os pressupostos interpretativos que o embasam. Teriam tais pressupostos o aval do próprio texto interpretado? Ou seja, as evidentes reivindicações interpretativas do texto bíblico abrem espaço para uma interpretação alegórica? Ou seria tal prática uma forma de “violência hermenêutica” em razão da estrapolação das reivindicações do próprio texto?

A história da interpretação parece fornecer algumas respostas. Ainda que bem intencionado, esse tipo de abordagem do texto bíblico, principalmente por parte dos intérpretes alexandrinos representou, na prática, uma ruptura radical em relação à forma até então predominante na hermenêutica das Escrituras. O meio usado, até então, combinava os cuidados de contextualização canônica e histórica do texto, observando-se assim os seus próprios limites interpretativos. Os sentidos, primário (evidente) e secundário (tipológico), eram buscados no próprio texto considerado em sua completude ao tempo da interpretação, embora às vezes se destacassem diferentes nuances ao se usarem distintas chaves de leitura. A busca do contexto tinha como fundamento a clareza e a literalidade de toda a porção já disponível das Escrituras e usava-se como chave hermenêutica o contexto do autor e dos ouvintes primários do texto.

Assim, a ênfase se concentrava na busca do sentido primário do texto, seu significado para o tempo em que foi escrito. Nessa perspectiva, usando-se como chave hermenêutica a intertextualidade⁷² mediante a conexão entre as porções das Escrituras, seu texto era colocado à luz do pano de fundo da história. Isso permitia perceber possíveis sentidos tipológicos reivindicados em seu conteúdo e seus desenvolvimentos ao longo do próprio cânon. Como resultado desse movimento, os intérpretes notaram como as porções anteriores prefiguraram as realidades

⁷¹ GILHUS, Ingvild Salid. Hermenêutica. *REVER* – Revista de Estudos da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Vol. 16, nº 2, Mai/Ago 2016, p. 145.

⁷² Para uma noção do termo intertextualidade, ver: BEALE, G. K. *Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento: Exegese e interpretação*. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 64-65.

mostradas nas porções posteriores, culminando na pessoa de Jesus Cristo como o messias da profecia, realizador do plano da salvação no decorrer da história.

Seguindo o exemplo da prática interpretativa dos escritores do Antigo Testamento (Gn 1; Sl 8; 33), bem como Jesus Cristo (Lc 24) e de seus apóstolos (1Pd 3), muitos dos Pais Apostólicos e alguns dos Pais da Igreja⁷³ praticaram uma hermenêutica contextual e histórica⁷⁴, combinando ao mesmo tempo a busca pelos sentidos literal e tipológico do texto⁷⁵. Buscavam entender o texto em seu contexto sociocultural original sem perder de vista o pano de fundo histórico mais amplo, com atenção às profecias messiânicas e seu cumprimento na pessoa de Jesus Cristo, e suas consequências para a Igreja.

Houve, por parte destes intérpretes, uma notável observância aos critérios da canonicidade e intertextualidade das Escrituras como regra e limites interpretativos. É nesse contexto que se reconheceu o sentido tipológico de algumas porções do texto, perspectiva na qual “o tipologista levava a história a sério; ela era a cena da revelação progressiva do coerente propósito redentor de Deus.”⁷⁶

Contudo, nem todos os intérpretes se limitaram a tal método⁷⁷. Conforme ficou evidente, cada vez mais distantes do tempo dos apóstolos, e intensamente influenciados pelas pressões de seu próprio tempo, entre elas a própria ideologia⁷⁸ grega (dualismo), muitos aderiram ao uso da

⁷³ Sobre os Pais da Igreja, ver HALL, 2007, p. 61.

⁷⁴ BROMILEY, Geoffrey W. The Church Fathers and Holy Scripture. In: CARSON, Donald A.; WOODBRIGDE, John D. (Eds.). *Scripture and Truth*. Grand Rapids, MI, USA: Baker Book House Company, 1992, p. 199-220, mostra que alguns Pais da Igreja deram início ao uso de métodos de interpretação da Bíblia influenciados pela versão grega do Antigo Testamento (Septuaginta) e pelos apócrifos.

⁷⁵ BEALE, 2013, p. 74, lembra que “[...] é mais provável que tanto os autores do NT quanto aos intérpretes judeus antigos tenham tomado como modelo para sua interpretação do AT a forma que os autores veterotestamentários mais recentes interpretam as passagens mais antigas do AT.”

⁷⁶ DOCKERY, 2005, p. 78.

⁷⁷ Conf. GUGLIOTTO, Lee J. *Handbook for Bible Study: a guide to understanding, teaching, and preaching the Word of God*. Hagerstown, MD, USA: Review and Herald Publishing Association, p. 244-260.

⁷⁸ Sobre o termo ideologia ver: ZABATIERO, Júlio. *Manual de Exegese*. São Paulo: Hagnos, 2007, p. 126. Neste texto o termo é usado para significar o substrato filosófico

alegoria na intenção de ampliar o estudo, compreensão, e ensino da Bíblia. As reações não tardaram aparecer. É nesse contexto que, “com a emergência da escola rival de interpretação em Antioquia, que evitou amplamente a exegese alegórica praticada em Alexandria, o palco foi montado para um debate caloroso”⁷⁹.

Em intensidades variáveis esse debate continuou no decorrer da história questionando a sobriedade hermenêutica do método alegórico. Contudo, a crítica não impediu que, na prática, esse método fosse amplamente usado e como resultado houvesse uma diluição significativa dos limites interpretativos antes observados pelos intérpretes das Escrituras. O texto deixou de ser considerado seu próprio limite hermenêutico e isso abriu margem para interpretações desconexas com seu próprio conteúdo e suas reivindicações interpretativas.

Dentre as implicações mais evidentes do método alegórico estão: (1) a abstração das ideias⁸⁰ e há aqui um forte propensão a privilegiar a ontologia helênica em detrimento de outras perspectivas possivelmente constitutivas do texto; (2) a “obscuridade”⁸¹, evidenciando o forte traço de um tipo de mística estranha ao texto; (3) a argumentação circular, notada no abandono da lógica racional por vezes reivindicada pelo texto; tudo isso consequência da (4) excessiva liberdade do intérprete quanto às reivindicações do próprio texto, o que resulta na (5) ausência de controle da interpretação já que desaparece qualquer forma objetiva de se avaliar sua adequação. Como resultado, essa forma de interpretar impactou na compreensão de temas situados nas variadas ênfases de estudos teológicos, principalmente na:

- Teologia – em sentido estrito – quanto à ontologia e o caráter de Deus, o Pai;

predominante em certos momentos e lugares de uma determinada cultura. Substrato este que impacta significativamente na interpretação de um texto produzido em outro paradigma, podendo resultar em sua parcial ou completa ressignificação.

⁷⁹ HALL, 2007, p. 177-178.

⁸⁰ PATZIA, Arthur G.; & PETROTTA, Anthony J. *In Pocket dictionary of biblical studies*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2002, p. 9.

⁸¹ ROILOS, Panagiotis. *Allegorical Modulations*, cap. 3, In: *Amphoteroglossia: A Poetics of the Twelfth Century Medieval Greek Novel*. Hellenic Studies Series 10. Washington, DC: Center for Hellenic Studies of Harvard University.

- Cristologia, quanto à natureza e ministério do Filho;
- Pneumatologia, quanto à personalidade e atuação do Espírito Santo;
- Protologia, quanto aos dias da criação, a alma e o dia de guarda;
- Soteriologia, quanto ao conceito de espiritualidade e santidade; e o significado místico dos sacramentos como batismo e santa ceia;
- Escatologia, quanto à espiritualização do milênio e do arrebatamento;
- Eclesiologia, quanto à noção de igreja, o papel do sacerdócio, a condição de membro;
- Doxologia, quanto à forma de liturgia e as práticas de culto;
- Missiologia, quanto ao conteúdo e forma de cumprimento da missão da igreja;
- Vida Cristã, quanto à definição de família, papel de dízimos e ofertas, responsabilidade social e ecológica, etc;

Nesses e em outros temas o método alegórico produziu confusões teológicas ainda recorrentes na teologia cristã. Muitos não veem problema por confundir a alegoria com a parábola ou a tipologia. Por vezes não se faz distinção entre a parábola, conhecida como um recurso ilustrativo usado na explicação e aplicação de um texto, e o método alegórico, o qual, conforme já evidenciado, se constitui num sistema interpretativo que impacta diretamente a aproximação e compreensão do texto. Às vezes também se confunde a alegoria com a tipologia⁸², muito embora haja considerável diferença no nível de vinculação de ambas ao texto interpretado⁸³. Ambas as distinções exigem estudos mais detalhados que escapam ao escopo deste breve estudo. Fica para outro momento a questão do uso, pelos escritores do texto bíblico, de técnicas argumentativas (ilustrativas e aplicativas) que por vezes são

⁸² Um interessante estudo sobre a distinção entre tipologia e alegoria pode ser consultado em: PARKER, Brent E. Typology and Allegory: Is There a Distinction? A Brief Examination of Figural Reading. In: *The Southern Baptist Journal of Theology*, Vol. 21 n. 1, 2017, p. 57-83.

⁸³ CAMERON, D. J. Typology. In John D. Barry, D. Bomar, D. R. Brown, R. Kloppenstein, D. Mangum, C. Sinclair Wolcott, W. Widder (Eds.). *The Lexham Bible Dictionary*. Bellingham, WA: Lexham Press, 2016.

confundidas com o uso do método alegórico, como ocorre na análise de alguns quanto à argumentação de Paulo em Gálatas 4,21-5,1⁸⁴.

Considerações finais

Este breve estudo iniciou reconhecendo que, embora sejam muitos os métodos de interpretação da Bíblia, os mais comumente usados são o alegórico, o crítico-histórico e o gramático-histórico. Em seguida buscou-se focar no método alegórico, reconhecendo-o como um sistema de interpretação que tem na alegoria sua principal forma de expressão. Inferiu-se que as três principais características desse método são as pressuposições fundamentais de (1) que o texto contém em si múltiplos significados, (2) que todos os significados do texto são válidos e úteis ao intérprete, e (3) que os múltiplos significados do texto podem ser encontrados fora do próprio texto.

Em seguida foi mostrado que, até onde se conhece, este método emergiu no contexto da Grécia clássica como recurso interpretativo para se buscar a justificação dos deuses gregos frente à sua reprovação moral. Posteriormente esse método foi tomado por judeus no intuito de tornar a interpretação do Antigo Testamento mais próxima do público helenista. Motivação semelhante fez com que intérpretes cristãos também adotassem o método como recurso para apresentar o Evangelho em toda a Bíblia às pessoas de mentalidade helênica. Daí em diante o método alegórico foi sendo usado de maneira cada vez mais proeminente, chegando a ser sistematizado e popularizado no meio cristão. Seu uso predominou por toda a idade média até que, na época da Reforma, foi atenuado pela ênfase no sentido literal do texto.

Contudo, longe de o extinguir, sua atenuação parece ter resultado de sua combinação com incursões exegéticas que abriram caminho para sua reinvenção na forma de ecletismos interpretativos que perduram

⁸⁴ Para um estudo acerca das possibilidades de técnicas usadas por Paulo em sua argumentação em Gálatas 4:21-5:1, ver: DAVIS, Anne. Allegorically Speaking in Galatians 4:21–5:1. *Bulletin for Biblical Research*, Vol. 14, 161-174. Winona Lake, IN, USA: Institute of Biblical Research, 2004.

até o presente. Tais usos e suas implicações contemporâneas podem ser notadas, principalmente, na confusa compreensão de temas elementares da fé cristã, por sua vez situados nas variadas ênfases de estudos teológicos.

Em resumo, o método alegórico, desde sua origem, se caracteriza pela interpretação marcadamente criativa e simbólica do texto bíblico, a qual prioriza a utilidade da hermenêutica para atendimento de certas demandas circunstanciais, sejam estas de natureza moral ou eclesiástica. Desde seu surgimento na Grécia Clássica, passando por sua adoção no judaísmo por Fílon e no cristianismo pelo pseudo Barnabé, ganhando força com Clemente, tendo sido sistematizado por Orígenes, e popularizado pela Escola de Alexandria, o método alegórico tem sido usado de maneira recorrente por teólogos cristãos até os dias atuais. Embora sua trajetória tenha muitas vezes e de muitas formas sido caracterizada por sua mescla com outros métodos, ele ainda está presente de certa maneira na hermenêutica cristã, embora hoje de forma caracterizadamente distinta daquela antes praticada.

Portanto, parece plausível entender que o chamado “alegorismo” trouxe para o campo hermenêutico um paradigma eclético de especulações interpretativas que abriu espaço para significados indefinidos do conteúdo bíblico. Esse método faz violência às Escrituras ao lhe impor perspectivas que lhes são estranhas, por extrapolar as reivindicações e limites do seu texto. Essa prática de se apelar a significados não literais do texto tem sido usada para validar muitas doutrinas e práticas cristãs ao longo da história. Ora tem servido “para apoiar o poder abusivo dentro da igreja e levar à confusão sobre o que as Escrituras realmente ensinam”⁸⁵ e ora tem servido para propósitos políticos de enriquecimento e empoderamento religioso⁸⁶.

⁸⁵ LARONDELLE, H. K. & PAULIEN, J. *The Bible Jesus Interpreted*. Loma Linda, CA: Jon Paulien, 2014, p. 50.

⁸⁶ Exemplos desses usos estão bem evidenciados nos seguintes trabalhos: PEÑA-ALFARO, Alex Antônio. *Estratégias discursivas de persuasão em um discurso Religioso neopentecostal*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras. Doutorado em Linguística, 2005. Ver também: SILVA, Jouberto Heringer da. *O Desenvolvimento da Hermenêutica Alegórica e Sua Presença Num Mundo Pós-Moderno de Múltiplas Vertentes: a hermenêutica pentecostal*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 2014.

Finalmente, é interessante notar que, em tempos de ecumenismo, parece haver um interesse renovado nos métodos de interpretação⁸⁷. De fato, como esses são meios efetivos de se nortear a interpretação de um texto (desde sua aproximação, passando por sua compreensão e concluindo com sua aplicação), podem gerar convergência ou divergências de entendimentos e atitudes entre os cristãos e suas comunidades. Nesse contexto, embora haja quem pense o contrário, parece que na prática o método alegórico tem se mostrado mais um complicador no ideal de cooperação e convergência entre os cristãos. Seus efeitos na interpretação da Bíblia continuam desafiando a hermenêutica cristã.

Referências

- ARENDZEN, John. Gnosticism. *The Catholic Encyclopedia*. Vol. 6. New York: Robert Appleton Company, 1909. Disponível em <<http://www.newadvent.org/cathen/06592a.htm>>. Acessado em 06.07.2018.
- AYERS, Robert H. The View Of Medieval Biblical Exegesis in Calvin's Institutes. *Perspectives in Religious Studies*, 1980, Vol. 7, nº 3, p. 188-193.
- BEALE, G. K. *Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento: Exegese e interpretação*. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- BLACKETER, Raymond A. Smooth Stones, Teachable Hearts: Calvin's Allegorical Interpretation of Deuteronomy 10:1–2. *Calvin Theological Journal*, Vol. 34, nº 1, p. 36–63, 1999.

DUSILEK, Sérgio Ricardo Gonçalves. Traços Pagãos no Discurso da Teologia da Prosperidade. In: *Rev. Pistis Práxis PUC-PR, Teol. Pastor.*, Curitiba, v. 10, nº 1, p. 199-220, jan./abr. 2018.

⁸⁷ Isso fica claro em perspectivas como a de HOUTEPEN, Anton. According to the Scriptures: The Ecumenical Movement and Its Methods Tomorrow. *Louvain Studies* 1997, Vol. 22, nº 2, p. 107-126, ao mencionar que “os quatro campos de encontro ecumênico são: ecumenismo local, formação ecumênica, comunhão na vida e testemunho comum. Quatro abordagens hermenêuticas são: pesquisa sobre controvérsias passadas, foco na mensagem central da salvação, retorno ao NT e fé transcultural da igreja através dos tempos. O quadrilátero do ecumenismo, portanto, será (1) a história do povo de Deus (literal); (2) sacramentos e sinais (alegóricos); (3) missões e serviço (moral); e (4) procurar o reino de Deus (anagógico)”. Essa perspectiva sugere o método de interpretação medieval (quadriga) como meio (estratégia de abordagem) de facilitação dos objetivos ecumênicos da comunidade interdenominacional contemporânea.

- BORGEN, Peder. Philo of Alexandria as Exegete. In: HAUSER, Alan J.; WATSON, Duane F. (Eds.). *A History of Biblical Interpretation: Volume 1 – The Ancient Period*. Grand Rapids, MI, USA: Eerdmans Publishing Company, 2003, p. 114-143.
- BROMILEY, Geoffrey W. The Church Fathers and Holy Scripture. In: CARSON, Donald A.; WOODBRIGDE, John D.; Editors. *Scripture And Truth*. Grand Rapids, MI, USA: Baker Book House Company, 1992, p. 199-220.
- BURDON, Christopher. The Fathers and the Birds: Allegorical Reading of the Bible. *Theology*, Vol. 98, p. 443-452, 1996.
- CALVINO, João. *As Institutas*. Vol. 2. 2ª Edição. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- CAMERON, D. J. Typology. In John D. Barry, D. Bomar, D. R. Brown, R. Klippenstein, D. Mangum, C. Sinclair Wolcott, Widder (Eds.), *The Lexham Bible Dictionary*. Bellingham, WA: Lexham Press, 2016.
- CAMPBELL, D. K. Foreword. In C. Bubeck Sr. (Ed.). *Basic Bible Interpretation: A Practical Guide to Discovering Biblical Truth*. Colorado Springs, CO: David C. Cook, 1991.
- CURTIS, E. L. “Old Testament”. In: J. Hastings, J. A. Selbie, A. B. Davidson, S. R. Driver, & H. B. Swete (Eds.). *A Dictionary of the Bible: Dealing with Its Language, Literature, and Contents Including the Biblical Theology*, Vol. 3. New York; Edinburgh: Charles Scribner’s Sons; T. & T. Clark, 1911–1912.
- DAVIS, Anne. Allegorically Speaking in Galatians 4:21–5:1. *Bulletin for Biblical Research*, Vol. 14, 161-174. Winona Lake, IN, USA: Institute of Biblical Research, 2004.
- DOCKERY, David S. *Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva*. São Paulo: Editora Vida, 2005.
- DUSILEK, Sérgio Ricardo Gonçalves. Traços Pagãos no Discurso da Teologia da Prosperidade. *Pistis Práxis* PUC-PR, Teol. Pastor., Curitiba, v. 10, n° 1, p. 199-220, jan./abr. 2018. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.7213/2175-1838.10.001.AO02>>. Acessado em 05.07.2018.
- EPÍSTOLA DE BARNABÉ, cap. 9. Disponível em <<https://docs.google.com/viewer>>. Acessado em 05.07.2018
- FAZIO, James I. The Hermeneutical Foundations of ‘Sola Scriptura’: A Critical Examination of Luther’s Christocentric Method of Interpretation, p. 8-9.

- Paper presented at the Evangelical Theological Society. Far-West Regional Conference, April 21, 2017 – Gateway Seminary, Ontario, California. Disponível em <<https://www.socalsem.edu/wp-content/uploads/2017/04/ETS-Luthers-Hermeneutic.pdf>>. Acessado em 06.07.2018.*
- FILHO, José Adriano. Mudança de Paradigma e Interpretação das Parábolas Evangélicas. *Revista de Estudos de Religião*, v. 26, nº 42, p. 54, jan/jun 2012. Disponível em <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/viewFile/3091/3088>>. Acessado em 02.07.2018.
- FLOR, Paulo F. *Para melhor entender e interpretar o texto bíblico: fundamentos de uma hermenêutica*. Canoas-RS: ULBRA, 2012.
- GIBELLINI, Rosino. *A teologia do Século XX*. 3ª Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2012. 668 p.
- GILHUS, Ingvild Salid. Hermenêutica. *REVER – Revista de Estudos da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, Vol. 16, nº 2, Mai/Ago 2016, p. 145. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/29431/20504>>. Acessado em 02.07.2018.
- GORMAN, Michael J. *Elements of Biblical Exegesis: a basic guide for students and ministers*. Revised and expanded edition. Grand Rapids, MI, USA: Baker Publishing Group, 2009.
- GREIDANUS, S. *The Modern Preacher and the Ancient Text: Interpreting and Preaching Biblical Literature*. Grand Rapids, MI; Cambridge, U.K.: William B. Eerdmans Publishing Company, 1988.
- GREIDANUS, Sidney. *Preaching Christ from the Old Testament: A Contemporary Hermeneutical Method*. Grand Rapids, MI; Cambridge, U.K.: William B. Eerdmans Publishing Company, 1999.
- GUGLIOTTO, Lee J. *Handbook For Bible Study: a guide to understanding, teaching, and preaching the Word of God*. Hagerstown, MD, USA: Review and Herald Publishing Association, 1995.
- HALL, Christopher A. *Reading scripture with the church Fathers*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1988.
- HALL, Christopher. *Lendo as Escrituras com os pais da igreja*. 2ª Edição. Viçosa-MG: Editora Ultimato, 2007.
- HAUSER, Alan J.; WATSON, Duane F. (Eds.). *A History of Biblical Interpretation: Volume 1 – The Ancient Period*. Grand Rapids, MI, USA: Eerdmans Publishing Company, 2003.

- HOFMANN, J. C. K. Von. *Interpreting the Bible*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1959.
- HOUTEPEN, Anton. According to the Scriptures: The Ecumenical Movement and Its Methods Tomorrow. *Louvain Studies*, Vol. 22, nº 2, p. 107-126, 1997.
- ICE, Thomas D. Historical Implications Of Allegorical Interpretation. In: *Liberty University*, Article Archives, Paper 105. Disponível em <http://digitalcommons.liberty.edu/pretrib_arch/105>. Acessado em 06.07.2018
- KAISER JR., Walter C. Hermenêutica Legítima. In: GEISLER, Norman L. [Organizador]. *A Inerrância da Bíblia: uma sólida defesa da infalibilidade das Escrituras*. Norman Geisler organizador. São Paulo: Editora Vida, 2007.
- KAISER, Walter C; SILVA, Moisés. *Introdução à hermenêutica bíblica*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.
- KÖRTNER, Ulrich H. J. *Introdução à Hermenêutica Teológica*. São Leopoldo: Sinodal: EST, 2009.
- LARONDELLE, H. K., & PAULIEN, J. *The Bible Jesus Interpreted*. Loma Linda, CA, USA: Jon Paulien, 2014.
- LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. Vol. 2: O Programa da Reforma – Escritos de 1520 / Martinho Lutero; tradução Annemarie Hohn et AL. – 2ª Ed. – São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, Canoas: Ulbra, 2000.
- LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. Vol. 12: Interpretação do Antigo Testamento, Textos Selecionados da Preleção sobre Gênesis / Martinho Lutero; São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Canoas: Ulbra, 2014.
- MARTINHO, Marcos. A Definição de Alegoria Segundo os Gramáticos e Rétores Gregos e Latinos. *Revista Brasileira de Estudos Clássicos da USP* – Universidade de São Paulo, Vol. 21, nº 2, p. 252-264. Disponível em <<https://revista.classica.org.br/classica/article/view/194>>. Acessado em 02.07.2018.
- MATHISON, K. A. *The shape of sola scriptura*. Moscow, ID, USA: Canon Press, 2001.
- MEISTER, Mauro. A Exegese Bíblica em Calvino: Princípios, Método e Legado. *Revista Fides Reformata*, Ano XIV, n. 2, p. 115-127, 2009.

- MUELLER, Enio R. *Caminhos de reconciliação: a mensagem da Bíblia*. 1ª edição. Joinville-SC: Grafar, 2010.
- MUELLER, Enio R. O Método Histórico-Crítico: Uma Avaliação (Apêndice 2). In: FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o Que Lês?* um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica. 2ª Edição. São Paulo: Edições Vida Nova, 1997.
- ORLANDI, Juliano. Alegoria e Narrativa em Platão. *Revista Philosophos*, Goiânia, V.19, nº 2, p.129-149, Jul/Dez 2014. Disponível em <<https://www.revistas.ufg.br/philosophos/article/view/31689/0>>. Acessado em 02.07.2018.
- OSBORNE, Grant R. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação da Bíblia*. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- PARKER, Brent E. Typology and Allegory: Is There a Distinction? A Brief Examination of Figural Reading. *The Southern Baptist Journal of Theology*, Vol. 21 n. 1, p. 57-83, 2017. Disponível em: <<http://equip.sbts.edu/publications/journals/journal-of-theology/sbjt-211-spring-2017/typology-allegory-distinction-brief-examination-figural-reading/>>. Acessado em 02.07.2018.
- PATZIA, Arthur G.; & PETROTTA, Anthony J. In: *Pocket dictionary of biblical studies*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2002.
- PELIKAN, Jaroslav. *A tradição cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina – o surgimento da tradição católica 100-600*, Vol. 1. São Paulo: Shedd Publicações, 2014.
- PEÑA-ALFARO, Alex Antônio. *Estratégias discursivas de persuasão em um discurso Religioso neopentecostal*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras. Doutorado em Linguística, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7707/1/arquivo8402_1.pdf>. Acessado em 05.07.2018.
- PEREIRA, J. Batista; LIMA, Stélio Torquato. Alegoria Benjaminiana. *Revista da Faculdade Santo Agostinho*, Teresina, v. 10, nº 3, art. 9, p. 140, Jul/Set 2013. Disponível em: <<http://www4.fsnet.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/193>>. Acessado em 02.07.2018.
- PORTER, Stanley E; STOVELL, Beth M. (Eds.). *Biblical Hermeneutics: five views*. Edited by Stanley E. Porter and Beth M. Stovell; with contributions by Craig L Blomberg et al. Downers Grove, IL: EUA, 2012.

- RIOS, Cesar Motta. A Alegoria na Tessitura de Fílon de Alexandria: estudo a partir da obra filônica com ênfase em Sobre os Sonhos I. Dissertação de Mestrado no PPG em Estudos Literários da UFMG. Belo Horizonte, 2009.
- ROILOS, Panagiotis. Allegorical Modulations, cap. 3, In: *Amphoteroglossia: A Poetics of the Twelfth Century Medieval Greek Novel*. Hellenic Studies Series 10. Washington, DC: Center for Hellenic Studies of Harvard University. Disponível em: <<https://chs.harvard.edu/CHS/article/display/5764.chapter-3-allegorical-modulations>>. Acessado em 01.07.2018.
- SCHMITT, Flávio. Interpretação Bíblica e Lutero. *Revista de Teologia e Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco*, Vol. 3, nº 1, dezembro /2013, p. 235. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/theo/article/view/302>>. Acessado em 05.07.2018.
- SCHODDE, G. H. (1915). “Allegory”. In: J. Orr, J. L. Nuelsen, E. Y. Mullins, & M. O. Evans (Eds.). *The International Standard Bible Encyclopaedia*, Vol. 1–5. Chicago: The Howard-Severance Company, 1915.
- SHOTWELL, James T. Christianity and History: II. Allegory and the Contribution of Origen. *The Journal of Philosophy, Psychology and Scientific Methods*, Vol. 17, nº 5 (Feb.26, 1920), p. 114. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/2940030>>. Acessado em 02.07.2018.
- SILVA, Jouberto Heringer da. O Desenvolvimento da Hermenêutica Alegórica e Sua Presença Num Mundo Pós-Moderno de Múltiplas Vertentes: a hermenêutica pentecostal. Dissertação (Mestrado) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 2014. 124 p. Disponível em <<http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/2452/1/Jouberto%20Heringer%20da%20Silva.pdf>>. Acessado em 05.07.2018.
- SINGER, I. (Ed.). (1901–1906). In: *The Jewish Encyclopedia: A Descriptive Record of the History, Religion, Literature, and Customs of the Jewish People from the Earliest Times to the Present Day*, 12 Volumes. New York; London: Funk & Wagnalls, Vol. 1, p. 403-412.
- SOANES, C., & STEVENSON, A. *Concise Oxford English Dictionary*. 11th Edition. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- TESKE, Roland. The Good Samaritan (Lk 10:29-37) in Augustine’s Exegesis. In: FLETEREN, Frederick Van; SCHNAUBELT, Joseph

- C.; Editors. *Augustine: Biblical Exegete*. Augustinian Historical Institute Series (Book 5). 2th edition. New York, USA: Peter Lang Inc., International Academic Publishers, 2004, p. 347-367.
- TATE, W. Randolph. *Handbook For Biblical Interpretation: an essential guide to methods, terms, and concepts*. Second Edition. Grand Rapids, MI, USA: Baker Publishing Group, 2012.
- TATE, W. Randolph. *Interpretation: an integrated approach*. Third Edition. Grand Rapids, MI, USA: Baker Publishing Group, 2008.
- TERRY, M. S. *Hermenêutica*. Terrassa: CLIE, 1985.
- THE INTERPRETATION OF THE BIBLE IN THE CHURCH. Presented by the Pontifical Biblical Commission to Pope John Paul II on April 23, 1993 (as published in *Origins*, January 6, 1994). Disponível em <http://catholic-resources.org/ChurchDocs/PBC_Interp-FullText.htm#Sec2>.
- TORRES, Clício Ribas. A Hermenêutica de Agostinho Sob a Ótica de Intérpretes Evangélicos da Atualidade. *Revista Via Teológica da Faculdade Teológica Batista do Paraná*, Vol. 14, nº 27, junho de 2013, p. 67. Disponível em <https://ftbp.com.br/viateologica/wp-content/uploads/2015/09/5-Clcio-Ribas-Torres-revista_teologica_vol14_n27-junho-2013.pdf>. Acessado em 02.07.2018.
- UTLEY, R. J. D. *You Can Understand the Bible!* Marshall, Texas: Bible Lessons International, 1996.
- VIRKLER, Henry A. *Hermenêutica avançada: princípios e processo de interpretação bíblica*. São Paulo: Editora Vida, 2007.
- ZABATIERO, Júlio. *Manual de Exegese*. São Paulo: Hagnos, 2007.

Submetido em: 14/05/2019

Aceito em: 16/06/2021